

— A corrigenda do ofensor pode ser amanhã.

O jovem ouviu atentamente e saiu pensando...

Na manhã seguinte, topou, face a face, o desafeto, mas recordou a lição e conteve-se. Por uma semana se repetiu o reencontro, e, por sete vezes, freou-se prudentemente.

Dias depois, porém, retornando ao trabalho, encontra um enterro e descobre-se. Só então vem a saber que o grande esmurrador, aquele que o ferira, morrera na véspera, picado por escorpião.



13

Ouro e batatas

I

João Peres, prestimoso amigo do Plano Espiritual, estava de volta à esfera dos homens.

Tudo pronto para o renascimento. E porque desfrutasse merecidos afetos, era como bênção de luz a festa das despedidas.

— Tornarei, sim — dizia bem humorado —, e espero vencer agora.

Indagou alguém se estava informado quanto ao pretérito, ao que respondeu, generoso:

— Conservo a memória voltada para certo período — e modificando a expressão fisionômica: — Tinha eu trinta anos de idade, em Taubaté, quando foi promulgada a lei de 18 de Abril de 1702, sob o nome de “Regimento dos Superintendentes, Guarda-Mores e Oficiais Deputados para as Minas de Ouro”, com que o cetro português procurava incentivar a mineração no Brasil. Cada minerador, com mais

de 12 escravos, poderia receber uma data com 900 braças quadradas, ou seja, 4.356 metros quadrados. Vendi a propriedade que herdara, sòzinho, de meus avós, e rumei para Vila Rica. Instalado nas vizinhanças de S. João Del-Rei, consegui catorze cativos e comecei meu trabalho. Cobiçoso, não mentalizava senão ouro, ouro, ouro... Mas enquanto companheiros diversos prosperavam, felizes, não encontrava por mim senão cascalho e desilusão. Mourendo de sol a sol, a pouco e pouco me desencantei. Trinta anos vivi ali a loucura do ouro. Ouvi a fama das minas de Cuiabá. Entreguei o pedaço de terra ao meu primo Martinho Dantas e abalei-me, com dois escravos, para a viagem temível. Tudo começou às mil maravilhas, mas fomos desviados da rota e, a tempo breve, achávamo-nos sem caminho, em pleno deserto verde. A seca atacava tudo. E caí doente, fatigado, febril. Na segunda noite de maiores dificuldades, Juvenal e Sertório entraram em fuga, levando-me víveres e cavalos. No delírio que me assaltava, sentia fome... Cambaleei por dois dias, como bêbado solitário, procurando comer... Mastigando folhas amargas que me impunham tremenda salivação, arrastei-me, arrastei-me, até que, ao pé de uma fonte, vejo pequena bolsa, recheada com algo... Tremo de esperança. Alguém teria deixado ali algum resto de refeição. Abro o saquitel e

contemplo uma farinha dourada. Semi-enlouquecido, encho a boca, como quem encontra os remanescentes de alguma farofa gorda. E bebo água, muita água, para morrer depois em pavoroso suplício, porque nada mais fizera que comer ouro em pó.

II

Peres interrompeu-se.

Todavia, alguém pede mais. Encerrara então ali a carreira?

— Não — disse ele, sorrindo —, ao pé da própria carcaça, invadida de pó valioso, demorei-me por tempo indeterminado. Se dormindo, não sei. Se acordado, ignoro. Mas sei que vivi pesadelo incessante em que via barras de ouro, pepitas de ouro, lâminas de ouro e caixas de ouro... Quando essa loucura encontrou alívio, pus-me, em espírito, no movimento da retaguarda. Muito tempo havia passado, porque o próprio Martinho não mais achei. Morrera, próspero, deixando larga fortuna aos filhos. A terra que eu lhe emprestara abria-se, enfim, mostrando o seio aurífero. Reclamei meus direitos e brami contra o mundo, sem que ninguém me ouvisse, até que, um dia, por bondade de Deus, dormi, tudo esquecendo... Renascera entre os bisnetos de meu primo e, desde cedo, ansiando a posse de ouro,

aprendi a comerciá-lo. Viajava entre Sabará e S. João Del-Rei sem medir sacrifícios. Entretanto, aspirando à riqueza fácil, estimei nos escravos o gosto do furto. Quanto me pudessem oferecer tinha preço. E aumentei meus negócios. Atravessava de novo a casa dos sessenta anos, quando a clandestinidade de meus serviços escusos foi revelada. Dispunha, no entanto, de enorme fortuna em ouro e consegui escapar ao processo, subornando funcionários e consciências. Policiado, no entanto, resolvi retirar-me. Buscaria o território bahiano e, por lá, tomaria medidas novas. Mudaria meu próprio nome. Depois, desceria por mar, rumo ao sul. Na Corte, poderia desfrutar vida farta. Tomei tropas. Viajei garantido. Servidores numerosos. Carga volumosa e pesada. Na travessia do S. Francisco, exigi que as minhas duas grandes malas de ouro me acompanhassem. "E' muito peso" — disse o barqueiro, sensato. Mas exigi. Ele e eu, com a carga, ou nada feito. O homem aceitou, mas, a pleno rio, surgem correntes mais fortes. O barco oscila. Vai-se a primeira mala. Tento retê-la e cai a segunda. Gritando, à feição de louco, mergulho nas profundas águas, perdendo de novo a vida...

Peres fitou-nos, pensativo, e ajuntou:

— Desde, então, sofri merecidos horrores para aprender...

— E agora, Peres? — perguntou, intrigado, um amigo que também se dispunha à reencarnação.

O ex-garimpeiro e comerciante levantou-se e atendeu:

— Agora será diferente. Volto ao meu torrão antigo em S. Paulo e vou plantar batatas.

E, sorrindo, concluiu:

— E' muito melhor.

